

IGP-M: Inflação do Aluguel recua 0,73% em fevereiro

Queda foi influenciada pela redução no preço de commodities



Os Contratos de aluguel no país podem ter aumento mais contido daqui pra frente

O Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M) registrou queda de 0,73% em fevereiro, revertendo a alta de 0,41% observada em janeiro, segundo dados divulgados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Com o resultado, o indicador acumula retração de 0,32% no ano e queda de 2,67% nos últimos 12 meses.

De acordo com a FGV, o recuo foi influenciado principalmente pela forte redução dos preços no atacado, especialmente de commodities relevantes para a economia brasileira. Entre os destaques estão as quedas nos preços do minério de ferro, da soja e do café, que pressionaram o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), componente de maior peso no cálculo do indicador.

O IPA caiu 1,18% em fevereiro, após alta registrada no mês anterior. Já o Índice de Preços ao Consumidor (IPC), que mede a inflação no varejo, desacelerou para 0,30%, refletindo aumentos

menos intensos em grupos como alimentação, saúde e educação.

Na construção civil, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) avançou 0,34%, também em ritmo menor do que em janeiro, com desaceleração principalmente nos custos de mão de obra.

Segundo o economista da FGV, André Braz, a queda do IGP-M reflete o enfraquecimento dos preços das matérias-primas e a perda de intensidade das pressões inflacionárias em diferentes setores da economia. “O IPA, índice de maior peso no IGP, registrou forte queda, puxada pelo recuo dos preços de commodities. Os demais componentes do IGP-M também avançaram em ritmo mais contido do que no mês anterior. No varejo, o IPC desacelerou com a perda de intensidade das altas nas mensalidades escolares. Já na construção civil, a inflação da mão de obra perdeu fôlego em relação a janeiro.”

Como o IGP-M interfere na vida das pessoas?

O IGP-M (Índice Geral de Preços – Mercado) é um indicador de inflação calculado mensalmente pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) desde o fim da década de 1940. O objetivo do índice é medir a variação de preços em diferentes etapas da economia, desde a produção até o consumidor final, impactando diretamente na vida dos brasileiros.

O cálculo é composto por três indicadores: IPA-M (60%) – mede preços no atacado e matérias-primas; IPC-M (30%) – acompanha preços ao consumidor; e INCC-M (10%) – avalia custos da construção civil.

Por refletir custos amplos da economia, o índice é utilizado como referência em contratos de aluguel, tarifas de serviços e alguns contratos empresariais. Quando sobe, tende a pressionar reajustes; quando cai, pode re-

duzir ou limitar aumentos nesses contratos. Por isso, o IGP-M costuma ser chamado de “inflação do aluguel”.

IPC e o impacto nas famílias

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC), que compõe 30% do cálculo do IGP-M e mede a inflação no varejo para as famílias, registrou alta de 0,30% em fevereiro. Porém, foi menor ante o 0,51% observado em janeiro.

O resultado foi influenciado principalmente pela perda de ritmo em parte dos grupos de consumo analisados. Entre os oito segmentos que compõem o indicador, cinco apresentaram desaceleração.

O grupo Alimentação subiu 0,17%, abaixo dos 0,66% registrados no mês anterior, refletindo menor pressão nos preços de alimentos.

Em Saúde e Cuidados Pes-

soais, a variação passou de 0,60% para 0,12%, enquanto Educação, Leitura e Recreação desacelerou de 1,38% para 0,72%, ainda influenciado por reajustes típicos do início do ano letivo.

O grupo Transportes também perdeu força, passando de 0,71% para 0,53%. Já Vestuário registrou queda mais intensa nos preços, com recuo de 0,43%, após retração de 0,16% em janeiro.

Por outro lado, alguns segmentos apresentaram aceleração. Habitação avançou 0,33%, ante 0,06% no mês anterior, enquanto Despesas Diversas subiu 0,37%, acima dos 0,17% de janeiro. O grupo Comunicação permaneceu praticamente estável, com variação de 0,01%. O comportamento desses segmentos ajudou a moderar a inflação ao consumidor dentro do IGP-M no mês.

Os dados do IGP-M referentes ao mês de março serão divulgados no dia 30.

Soja, petróleo e minério lideram exportações do Brasil

Dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços indicam que soja, petróleo bruto e minério de ferro foram os principais itens exportados pelo Brasil na primeira semana de março, mantendo o peso das commodities na economia brasileira.

No setor agropecuário, a soja lidera a balança comercial, com US\$ 1,7 bilhão exportados no período. Na sequência aparecem café não torrado, com US\$ 833 milhões, e algodão bruto, que ultrapassou US\$ 333 milhões em exportações.

Na indústria extrativa, o destaque foi o petróleo bruto, que somou US\$ 2,65 bilhões em vendas externas. Já o minério de ferro respondeu por US\$ 1,45 bilhão, seguido pelos minérios de cobre, com US\$ 519 milhões exportados.

Entre os produtos industrializados, ganharam espaço itens como carne bovina, produtos de ferro e aço e ouro não monetário, que apresentaram forte crescimento nas vendas externas.

Ao todo, as exportações brasileiras somaram US\$ 44,63 bilhões no acumulado do início de



Dados indicam expansão do comércio exterior brasileiro.

2026, com crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior. O resultado reforça a importância do comércio exterior para a economia nacional e a forte demanda internacional por commodities.

A China segue como o principal destino das exportações brasileiras, concentrando a maior parcela das vendas externas do país. Dados da balança comercial mostram que o país asiático respondeu por US\$ 6,47 bilhões em compras

de produtos brasileiros apenas em janeiro de 2026, o equivalente a aproximadamente 25,7% das exportações do período.

Na segunda posição aparecem os Estados Unidos, que importaram US\$ 2,39 bilhões em produtos brasileiros, representando 9,5% do total exportado no mês.

O terceiro maior comprador é a Argentina, com aproximadamente US\$ 914,9 milhões em importações vindas do Brasil. Na sequência aparecem os Países Baixos, porta de entrada de mercadorias brasileiras para a Europa, com US\$ 802,6 milhões, e a Índia, que importou US\$ 691,6 milhões.

Outros mercados relevantes incluem os Emirados Árabes Unidos, com US\$ 600 milhões em compras, e o Canadá, que importou US\$ 595 milhões no período.

No acumulado de 2026, as exportações brasileiras somaram US\$ 44,63 bilhões, crescimento de 14,5% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Vosmar Rosa/MPor